

5. A intervenção humanitária na Libéria

5.1 Introdução

A guerra civil liberiana se estendeu entre os anos de 1989 e 1997, matou cerca de 200 mil pessoas. Desafiou os esforços de construção da paz e reconstrução do Estado devido a três obstáculos principais.¹ O primeiro foi, assim como aconteceu na Somália, o fato de os soldados da força de intervenção humanitária encontrem na Libéria um ambiente excepcionalmente desafiador. Quando a Comunidade Econômica dos Países da África Ocidental (Ecowas - Economic Community of West African States) interviu através do Ecomog (Ecowas Monitoring Group, a força de intervenção da Ecowas), o Estado liberiano também havia entrado em colapso, as facções em guerra também se dividiam e proliferavam rapidamente e a mais poderosa delas, a Frente Patriótica Nacional da Libéria (NPFL), também se opunha radicalmente à ação do Grupo. Como na Somália, durante o período de caça a Aideed, a estratégia do Ecomog em resposta à resistência armada do líder da NPFL, Charles Taylor, enveredou pelo caminho da coerção com o objetivo de forçá-lo a fazer a paz. A princípio, ao contrário do caso somali, entre os anos de 1990 e 1995 os peacekeepers apoiaram militarmente um governo interino na Monróvia no qual atores da sociedade civil tinham garantidas as suas, embora pequenas, representações (mas essa estratégia falhou, o que levou ao segundo obstáculo às ações do Ecomog).

O segundo empecilho teve origem dentro do próprio seio político da instituição que criou o Ecomog. A Ecowas estava cindida nas discussões sobre o comportamento a ser exercido na guerra liberiana, já que vários de seus integrantes apoiavam (abertamente ou não) a NPFL e se opunham à paz forçada pelo Ecomog. Já outros Estados da Ecowas apoiavam facções anti-NPFL. Além disso, os países que mais contribuíam com contingentes para o Ecomog, Gana e

¹ ADEBAJO, 2002. *Building Peace in West Africa*, p. 43.

Nigéria², disputavam entre si a implementação das estratégias militar e diplomática.

O terceiro fator de enfraquecimento do Ecomog era o valor estratégico da África, que havia se reduzido com o fim da Guerra Fria, e a resistência das democracias ocidentais em se envolverem com alguns governos africanos autoritários e conquistados através de golpes militares. No caso liberiano, o pouco do apoio logístico e financeiro internacional, necessário para manter a intervenção, foi timidamente fornecido devido à oposição da comunidade internacional, em particular dos EUA, aos regimes de governo implementados na Nigéria (o contribuidor-chave do Ecomog).³

Antes de analisar a intervenção humanitária implementada pelos países da África Ocidental na Libéria, há a necessidade de se falar um pouco sobre a própria criação da Ecowas e as motivações que levaram alguns de seus integrantes a criar, dentro dela, um instrumento regional de resolução de conflitos e de intervenção. O entendimento sobre as relações entre países que tiveram passados coloniais díspares (boa parte deles colônia francesa e os demais administrados pelos ingleses) ajudar na compreensão dos conflitos internos e das dificuldades pelas quais passaram tanto a Ecowas quanto o próprio Ecomog.

5.2

Interlúdio: a criação da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Ecowas) e o estabelecimento do Ecomog como instrumento de intervenção *ad hoc*

A Comunidade Econômica dos Países da África Ocidental (Ecowas) reflete em suas decisões e ações a queda de braço entre os países de língua inglesa e francesa, entre dois modelos distintos de colonização e de relacionamento, pós-

² A Nigéria, sozinha, chegou a ser responsável por 75% das tropas e 90% dos fundos necessários para a ação do Ecomog. Também representava a única nação que, ao retirar todo o seu contingente, inviabilizaria totalmente a existência do Grupo e decretaria o fim da missão liberiana. A Nigéria era o único Estado capaz de exercer a intervenção sozinho, mas escolheu o envolvimento dos demais países da Ecowas numa tentativa de diminuir as suspeitas, principalmente dos territórios francófonos, quanto às aspirações hegemônicas nigerianas.

³ Ao mesmo tempo em que a Nigéria era a ponta de lança política e militar do Ecomog, ela mesma foi a responsável por parte do não-comprometimento do Ocidente com o Grupo. Primeiro pelo período em que esteve sob o jugo de ditaduras militares, na primeira metade dos anos 1990; segundo pelo envolvimento com o comércio de drogas nesse mesmo período (o que afastou qualquer comprometimento dos EUA, que receavam ter seu governo associado a qualquer tipo de assistência ou ajuda a uma ditadura militar africana que desrespeitava os direitos humanos e que estava ligada ao tráfico internacional de drogas). ADEBAJO, op. cit. p. 44.

independência, com suas metrópoles. Os 15 países que a formam estão entre os mais pobres do mundo.⁴

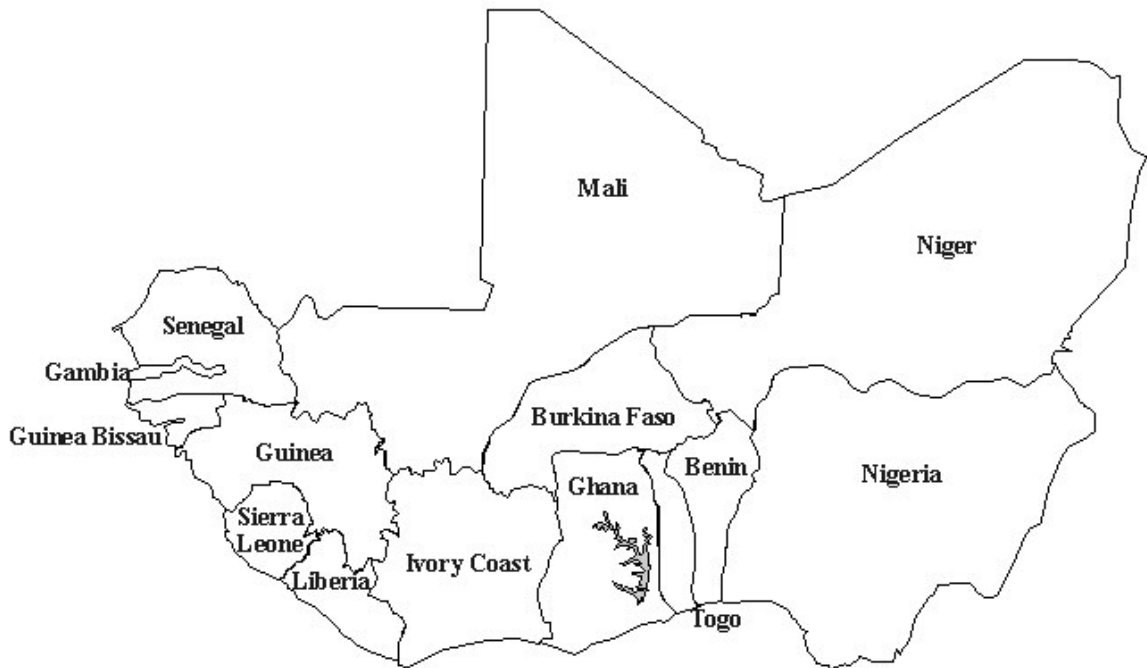


Figura 5 – Países que compõem a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Ecowas)

A sub-região tem uma população de aproximadamente 200 milhões de pessoas (sendo apenas três, Nigéria, Gana e Costa do Marfim, com população acima de 15 milhões) e uma renda per capita média de menos de US\$500⁵. Boa parte de seus Estados integrantes não possui recursos financeiros ou mercados grandes o suficiente para sustentar os esforços de toda a sub-região para o desenvolvimento industrial. A própria região da África Ocidental é uma das regiões mais instáveis do mundo, sendo a seara de 37 dos 72 golpes militares

⁴ 1) Cabo Verde (lusófono) – nacional: cabo-verdino; 2) Senegal (francófono) - nacional: senegalês; 3) Gâmbia (anglófono) - nacional: gambiano; 4) Guiné-Bissau (lusófono) – nacional: guineense; 5) Guiné (francófono) – nacional: guineano; 6) Serra Leoa (anglófono) - nacional: leonês; 7) Libéria (anglófono) – nacional: liberiano; 8) Costa do Marfim (francófono) – nacional: marfinense; 9) Gana (anglófono) – nacional: ganense; 10) Togo (francófono) – nacional: togolês; 11) Benin, antigo Daomé (francófono) – nacional: beninense; 12) Nigéria (anglófono) - nacional: nigeriano; 13) Niger (francófono) - nacional: nigeriano; 14) Burkina Fasso, antigo Alto Volta (francófono) – nacional: burquinense; 15) Mali (francófono) - nacional: malinês. A Mauritânia (francófono, cujo nacional é o “mauritano”) deixou a Ecowas em dezembro de 2000.

africanos (cerca de 50%) ocorridos entre os anos de 1960 e 1990, e concentra menos de um terço dos integrantes da Organização da Unidade Africana.⁶

A Nigéria foi o grande artífice da Ecowas e responsável pelas ações mais efetivas visando a segurança da sub-região. O país mais rico da Comunidade via na criação do grupo econômico a possibilidade de aumentar sua influência política, tentando se apresentar como uma alternativa à África do Sul para a liderança continental. Porém todos os passos da Nigéria eram vistos com suspeita pelos países de colonização francesa, que mantinham o país sob um manto de desconfiança, fruto da influência das ex-metrópoles (Inglaterra e França) nas políticas de segurança de suas ex-colônias.⁷

A semente para a criação da Comunidade Econômica da África Ocidental foi plantada em abril de 1972 com o estabelecimento da Comunidade Econômica Nigeriana-Togolesa. Em dezembro de 1973, 15 Estados da sub-região se reuniram em Lomé, capital do Togo que ganhava importante status de sede dos mais emblemáticos encontros entre representantes dos Estados do oeste da África, para discutir propostas para uma comunidade econômica. Mas a Ecowas só seria criada com a assinatura do Tratado de Lagos, em 28 de maio de 1975, por nove países francófonos (Costa do Marfim, Daomé – atual Benin -, Guiné, Niger, Mauritânia, Mali, Togo, Senegal e Alto Volta – atual Burkina Fasso), cinco anglófonos (Gâmbia, Gana, Libéria, Nigéria e Serra Leoa) e um lusófono (Guiné-Bissau). Em

⁵ ADEBAJO, op.cit, p. 24.

⁶ Em julho de 2001 a OUA aprovou sua transformação em uma outra organização semelhante, chamada apenas União Africana. Como este trabalho trata de acontecimentos anteriores a essa decisão, a nomenclatura da OUA será mantida como referência.

⁷ As diferenças originárias dos dois distintos modelos colonizadores, implementados pela Inglaterra e pela França na sub-região, geraram rivalidades profundas que ainda mantinham eco. Em represália aos protestos da diplomacia nigeriana contra os testes nucleares franceses no deserto do Saara, em 1961, o governo do presidente Charles de Gaulle passou a enviar suprimentos, armas e a ajuda de mercenários franceses aos rebeldes secessionistas de Biafra, durante a guerra civil nigeriana (que durou de 1967 a 1970), utilizando as ex-colônias da Costa do Marfim e do Gabão. O fim da guerra civil levou a diplomacia nigeriana a aspirar novos objetivos sub-regionais, baseando-se na idéia da criação de uma rede de laços econômicos com seus vizinhos para garantir a própria segurança (defendendo que nenhum vizinho apoiasse quaisquer futuros grupos secessionistas de outros Estados) e prevendo beneficiar-se economicamente através da criação e expansão de um mercado regional dentro do qual poderia inserir os bens nigerianos. Essa política externa também previa a diminuição da forte influência francesa na região, já que o país estava cercado por Estados francófonos (Níger e Chade ao norte, Benin a oeste e Camarões a leste) e a intenção francesa parecia ser claramente a de dividir a Nigéria ao meio, enfraquecendo as ambições do Estado de se desenvolver como um foco de influência sub-regional e continental. VAN WALRAVEN, 1999, pp. 26-49 passim.

dezembro de 1975, o Tratado de Lagos foi ratificado, ocasião na qual mais um Estado aderiu à Comunidade, o lusófono Cabo Verde.⁸

Criada para fomentar o desenvolvimento econômico e não como uma organização ligada à segurança, a Comunidade teve que adaptar suas atividades para atuar na administração de conflitos, como constatação de que a integração econômica só poderia ocorrer em condições de paz e segurança. Entre os anos de 1960 e 1980 cerca de 21 golpes militares bem-sucedidos aconteceram em nove dos 16 Estados que compunham a Comunidade.

Durante a década de 1970 uma série de pactos de não-agressão foi assinada entre alguns integrantes da Ecowas, o que encorajou a Comunidade como um todo a se aventurar, pela primeira vez, na área da segurança coletiva; o que só viria a acontecer concretamente em 1978 e 1981 quando os protocolos de Não-Agressão e de Assistência Mútua de Defesa (PMAD), respectivamente, foram adicionados ao tratado original de criação da Ecowas.⁹

O Protocolo assinado em 29 de maio de 1981 corrigiu um descuido do Protocolo de Não-Agressão, que não previa as “ameaças ou agressões armadas” exercidas por integrantes de dentro da Ecowas contra os demais participantes do grupo. O PMAD estabeleceu que quaisquer dessas ameaças, endógenas ou exógenas, contra países signatários, justificariam a interferência de todos os demais integrantes da Ecowas.¹⁰ O Protocolo também estabelecia que o Chefe de

⁸ A Comunidade Econômica nasceu com ambições nem um pouco modestas: desenvolvimento de uma tarifa única em 15 anos; promoção do livre curso de trabalhadores pessoas e capital entre os Estados integrantes; harmonização das políticas monetária, agrária e industrial e o estabelecimento de um Fundo comum que compensasse as perdas dos países mais pobres com a abertura das economias e a perda de arrecadação com a diminuição das tarifas. Porém essas metas encararam, pelo menos, quatro problemas práticos: primeiro, alguns dos países integrantes da Ecowas estavam entre os mais pobres do mundo, alguns tendo pouco ou muito pouco desenvolvidos os setores industrial, de energia, de mineração ou de coleta de impostos; segundo, havia, no mínimo, dez moedas diferentes circulando dentro da área de abrangência da Ecowas e apenas o franco CFA e o dólar liberiano tinham conversibilidade, o que tornou praticamente impossível os investimentos entre os Estados; terceiro, o comércio entre os Estados dentro da região era estimado entre 5% e 6% do que era produzido pelos países, tendo o agravante de os bens de exportação competirem entre si no mercado externo; quarto, havia problemas infraestruturais sérios, nas áreas de transporte e comunicação, que perdurariam por décadas na sub-região. ADEBAJO, op.cit., p. 31.

⁹ O Protocolo de Não-Agressão, de 22 de abril de 1978, estabelecia a união da Comunidade no combate a agressões externas contra seus integrantes e contra insurreições domésticas (ou grupos subversivos) apoiadas por Estados integrantes ou não da Comunidade ou partido político de dentro ou fora do grupo. GROENEWALD, 2002, p. 67; e ADEBAJO, op. cit., p. 32.

¹⁰ Cabo Verde, Guiné-Bissau e Mali mantiveram suas posições contrárias, não assinando o documento, enquanto Benin, Togo, Serra Leoa e Libéria assinaram por terem problemas fronteiriços com seus vizinhos, Senegal e Togo assinaram por acreditarem que a poderosa Nigéria poderia executar um papel estabilizador nos conflitos regionais que tomavam a região e a Nigéria assinou, obviamente, por ter a defensora da proposta e nas tentativas de consolidar sua influência e

Estado do país sob ameaça externa poderia requisitar a ajuda da Comunidade Econômica diretamente à “Autoridade dos Chefes de Estado” (apelidada apenas como “A Autoridade”), o grupo responsável por reger a instituição.¹¹ O PMAD também estabeleceu um Conselho de Defesa (composto por ministros do Exterior e da Defesa) e uma Comissão de Defesa (composta pelos chefes militares) que deveriam supervisionar o trabalho de criação de uma força *ad hoc* para uma possível intervenção futura. Porém, quando a guerra civil estourou na Libéria, no fim dos anos 80, e em Serra Leoa, no início dos 90, nem o Conselho nem a Comissão de Defesa haviam sido estabelecidos. Foi criado, então, um Conselho Mediador Permanente (Standing Mediation Committee – SMC) em maio de 1990, integrado por cinco Estados-membros, que reuniu, em julho, os líderes dos movimentos liberianos em um encontro que fracassou ao tentar estabelecer a paz e uma data para eleições. Prevendo um novo banho de sangue na capital Monróvia, o SMC resolveu criar, em 7 de agosto de 1990, o Ecomog: Grupo de Monitoramento de Cessar-Fogo da Ecowas (Ecowas Ceasefire Monitoring Group - Ecomog) para intervir militarmente na Libéria.¹² A “Autoridade” só endossaria essa decisão um mês depois, durante um encontro de cúpula da Ecowas na cidade de Lomé, no Togo, em dezembro de 1999.¹³ A Ecowas justificou a ação do Ecomog como uma intervenção de caráter humanitário, usando a argumentação do efeito desestabilizador que a guerra civil provocava em toda a sub-região. O apoio diplomático da ONU e da OUA (Organização da Unidade Africana) assim como as eventuais ajudas logísticas e militares fornecidas serviram para dar a base de

liderança política na sub-região e de enfraquecer a influência francesa em suas ex-colônias, tornando-as mais dependentes da força militar nigeriana. Apesar de relutantes, Costa do Marfim e Niger, assinaram o Protocolo. VAN WALRAVEN, op.cit., pp. 26-49 passim.

¹¹ GROENEWALD, op. cit., p. 67; e VAN WALRAVEN, op.cit., pp. 26-49 passim.

¹² Alguns analistas como Ademola Adeleke, Stephen Ellis, Terry Mays, Max Sesay, Byron Tarr e Klas Van Walraven, identificam quatro razões para a pressão nigeriana para a intervenção na Libéria: o estreito relacionamento entre Babangida e Samuel Doe; a presença de reféns nigerianos entre os poucos prisioneiros feitos pela NPFL; o medo nigeriano de uma aventura financiada pela Líbia na Libéria e que poderia levar a uma aliança anti-nigeriana entre Líbia, Burkina Fasso, e Costa do Marfim; e a suspeita de que havia uma orquestração francesa, por motivos políticos e econômicos, no desenvolvimento de uma aliança anti-Ecowas. ADEBAJO, 2002, *Liberia's Civil War, Nigeria, Ecomog, and Regional Security in West Africa*, p. 48.

¹³ Ecowas' Protocol Relating to the Mechanism for Conflict Prevention, Management, Resolution, Peacekeeping and Security. December 10th, 1999. Lomé, Togo.

legitimidade internacional que o Ecomog tanto necessitava. Nesse sentido, também foi importante o envio de tropas senegalesas e malinesas.¹⁴

A ação da Ecomog na Libéria foi importante pelo seu grau de ineditismo, já que foi a primeira ação de cessar-fogo executada por uma organização sub-regional africana, utilizando seus próprios homens e seus próprios recursos e material militar. Além disso, a atuação do Ecomog entre os anos de 1990 e 1997 na Libéria marcou a primeira vez em que a ONU aceitou agir como parceira secundária, dando suporte a uma força regional já estabelecida.¹⁵

O Ecomog iniciou suas atividades na Libéria em agosto de 1990, inicialmente composto por soldados de cinco Estados da África Ocidental, e perdeu cerca de 700 homens em seis anos de combate.¹⁶ Seu mandato era amplo e incluía tanto os trabalhos de peacekeeping quanto o de peace-enforcement. Tinha o objetivo de “conduzir operações militares com o propósito de monitorar o cessar-fogo, restaurar a lei e a ordem para criar as condições necessárias para eleições livres e justas na Libéria” e para garantir a “libertação de todos os prisioneiros políticos e prisioneiros de guerra”.¹⁷ O general Arnold Quainoo, escolhido por Gana para o cargo de Comandante da Força, previu que o líder rebelde Charles Taylor e a NPFL logo se entregariam ao perceberem a determinação e a capacidade militar do Ecomog. Mas, ao contrário das expectativas, no dia 25 de agosto de 1990 Quainoo e seus homens aportaram na Monróvia recebidos em meio a uma pesada chuva de tiros.¹⁸ Em vez de monitorar o cessar-fogo, os peacekeepers foram compelidos a lutar, Monróvia a dentro, pela a própria sobrevivência.

¹⁴ Porém, durante as atividades iniciais do Ecomog, ainda não havia legitimidade ou apoio universal para a intervenção, já que o Grupo continuava enfrentando a oposição de Burkina Fasso e da própria NPFL.

¹⁵ E a experiência da Ecomog na área de segurança não se limitou apenas ao trabalho na Libéria. Outro Ecomog foi responsável por uma ação, sem precedentes, de intervenção militar em Serra Leoa, que restaurou o governo democrático de Ahmed Tejan Kabbah em 1998. Em 1999 o Ecomog fez uma rápida, porém infrutífera, intervenção na Guiné-Bissau. ADEBAJO, op. cit., p. 15; e HOWE, 1996, p. 146.

¹⁶ O Ecomog encarou sérios problemas de unidade política e capacitação militar logo nos primeiros momentos após sua criação já que, ao contrário da divisão mais equilibrada entre francófonos e anglófonos dentro da Ecomog, o Ecomog foi formado, inicialmente, por países essencialmente anglófonos (Nigéria, Gana, Serra Leoa e Gâmbia, sendo apenas a Guiné o representante de língua francesa). HOWE, op. cit., p.146.

¹⁷ Decisão A/DEC, de 1 de agosto de 1990, do “Ecomog Standing Mediation Committee”.

¹⁸ HOWE, op. cit. p. 154.

5.3

Antecedentes imediatos

Era véspera do natal de 1989 quando Charles McArthur Taylor¹⁹ e seus 168 homens armados da Frente Nacional Patriótica da Libéria (NPFL) atravessaram a fronteira da Costa do Marfim, entrando em território liberiano através do Condado de Nimba, região habitada pela população Gio e Mano (como visto no Capítulo 2). O motivo pelo qual Taylor e seu grupo entraram no território liberiano pela fronteira com a Costa do Marfim era simples: assim como o governo marfinense, vários outros Estados se opunham ao governo de Doe.

A NPFL havia recebido treinamento militar em campos de treinamento líbios e burquinenses e ambos os Estados supriram Charles Taylor com armas (principalmente durante a guerra civil). A guarita na Costa do Marfim foi dada pelo líder marfinense Félix Houphouët-Boigny, cuja filha adotiva era casada com o filho do presidente liberiano deposto e morto, William Tolbert, durante o golpe de 1980.

Os homens da NPFL alardeavam que o propósito do grupo era derrubar o regime autoritário de Samuel Doe. O apoio popular foi imediato e os rebeldes alcançaram a capital de Nimba, Saniquellie, já no dia 29 de dezembro. O núcleo da NPFL era, então, formado por soldados e fazendeiros Gio recrutados no condado de Nimba, bem como por mercenários burquinenses, gambianos e leoneses que receberam treinamento de guerrilha.

Na tentativa de esmagar a rebelião Doe enviou as Forças Armadas da Libéria (AFL), que queimaram vilarejos e executaram civis (como havia feito em 1985, acirrando ainda mais o ódio da população de Nimba contra os Krahns da AFL). Os guerrilheiros insurretos usaram as densas florestas liberianas como refúgio. Tendo esmagado várias outras tentativas de golpe, Doe subestimou a NPFL e o nível de ressentimento que havia contra ele, principalmente no condado de Nimba.

¹⁹ Taylor, o comandante da NPFL, nasceu na Libéria descendente de pai Américo-liberiano e mãe Gola. Estudou economia no Bentley College, nos EUA. Retornou à Libéria depois do golpe militar de Doe e foi rapidamente alçado a chefe da Agência Geral de Serviços da Libéria. Acusado de ter desviado cerca de US\$900 mil da Agência, Taylor fugiu para os EUA em 1983. Foi preso em maio de 1984, devido a um tratado de extradição mantido entre Washington e Monróvia. Taylor teria da prisão, em Massachusetts, em 1985 (não há provas e Adebajo se refere ao fato como parte do folclore político liberiano).



Figura 6 – Mapa político da Libéria

A massa comandada por Taylor irrompeu nas imediações da Monróvia em julho de 1990 e, apesar de ter uma força com aproximadamente 10 mil soldados (mal equipados, sem treinamento e muitos com menos de 17 anos), Doe não contava com a selvageria dos bem treinados soldados de Taylor e com o extenso apoio popular. Uma nova batalha nos limites de Monróvia levou a AFL, elite melhor treinada que o restante do exército liberiano, a cometer uma série de

atrocidades contra as demais etnias não-Krahn e não-Mandingo. Num ato considerado um dos mais atroz do período pré-queda de Doe, a AFL metralhou a St. Peter's Lutheran Church, matando mais de 600 civis (a maioria Gio e Mano) que buscavam abrigo na igreja, em julho de 1990. Entre os mortos estava o pai de Charles Taylor.²⁰

Depois de tentar, sem sucesso imediato, a ajuda de Lagos, em maio de 1990, ao se encontrar com o líder nigeriano Ibrahim Babangida²¹, Doe se sitiou na Mansão Executiva (sede do Governo) com um batalhão da AFL. Depois que sete ministros se desligaram do governo, Doe fez um apelo ao presidente norte-americano George Bush (em carta publicada no Washington Post, em agosto) onde implorava ao “padrasto” que viesse em salvação dos “enteados” que estavam em perigo de perder suas vidas e liberdade.²²

Durante o mês de julho, enquanto Doe perdia o controle do país mas resistia, um grupo de descontentes da NPFL criou uma nova facção, a INPFL (Frente Patriótica Nacional Independente da Libéria), liderada por Prince Yourmie Johnson²³, que passou a combater tanto a AFL quanto a própria NPFL²⁴. O embate entre os três grupos matou mais civis do que soldados e destruiu a infraestrutura econômica liberiana, levando o quase-Estado ao colapso.²⁵

A situação em Monróvia, com o surgimento de mais um grupo beligerante e a devastação da capital, agravaram o sentimento de apreensão dos Estados integrantes da Ecomog. Muitos temiam que a guerra liberiana aumentasse perigosamente o fluxo de refugiados, colocando em perigo a estabilidade política em seus empobrecidos territórios. Nenhuma das grandes potências ocidentais mostrou qualquer interesse em intervir na Libéria, muito menos os EUA que

²⁰ HOWE, op.cit., p.159.

²¹ Babaginda reuniria o SMC da Ecomog em 7 de agosto numa tentativa de coordenar a implementação de uma ação militar que resultaria na criação do Ecomog e no início das atividades do Grupo já em 24 de agosto de 1990.

²² ADEBAJO, 2002, *Liberia's Civil War, Nigeria, Ecomog, and Regional Security in West Africa*, p. 43.

²³ Johnson era Gio e ex-comandante da Polícia Militar liberiana, integrante do grupo original da NPFL que fracassou na tentativa de tomar o poder sob a liderança de Quiwonkpa, em 1985. O motivo alegado por Johnson para o rompimento com Taylor e para a criação da INPFL foi o testemunho do assassinato de comandantes-sênior da NPFL a mando de Taylor. Já o líder da NPFL afirmava que Johnson havia desertado para evitar a corte-marcial por ter executado sete soldados da Frente.

²⁴ Em 1994, outro grupo interno de antigos oficiais da NPFL também romperia com Taylor. O Conselho Revolucionário Central da NPFL, ou apenas CRC como ficou conhecido após a cisão, foi liderado por Tom Woewiyu, Laveli Supuwood e Sam Dokie.

tinham laços antigos com o país. Também não demonstraram a intenção de proteger Doe ou qualquer simpatia por Taylor ou Johnson. A ONU e a OUA prestaram pouca atenção ao conflito, sendo que esta última não apoiava qualquer tipo de intervenção militar em países soberanos sem o devido consentimento do governo-alvo.²⁶

Em 7 de agosto de 1990 a Ecomog estabeleceu o Ecomog. A falta de confiança em Taylor e a iminente instabilidade regional deflagrada pela guerra civil liberiana, que se constituíam numa ameaça à paz e à segurança regionais, foram os argumentos alegados para a criação da força de intervenção.²⁷ Taylor rejeitou, inicialmente, a ação do Grupo, argumentando que a iniciativa protegia o regime enfraquecido de Doe e negava a posição de poder que ele havia conquistado liderando a população contra o governo. As tropas do Ecomog foram recebidas, então, por uma chuva de balas pelos soldados da NPFL assim que aportaram no litoral da Monróvia.²⁸

No dia 2 de julho de 1990 os rebeldes da NPFL cortaram o fornecimento de água e energia elétrica para a capital, forçando Doe a oferecer um cessar-fogo. Em 25 de julho a NPFL alcançou a Mansão Executiva, deixando o ditador liberiano a mercê de seu grupo armado.

Taylor se declarou presidente da Libéria no dia 28 de julho de 1990, tendo provado que, se assim quisesse, teria matado Doe e seus homens mais leais, mantidos dentro da sede do governo. O presidente autoproclamado anunciou eleições no período de seis meses, embora tenha defendido anteriormente um governo de transição de cinco anos, esperando chamar a atenção dos EUA.²⁹

²⁵ HOWE, op.cit., p. 159.

²⁶ Durante meses, em 1990, o embaixador da Libéria na ONU tentou, sem sucesso, apresentar a discussão sobre a situação liberiana no Conselho de Segurança, porém a ONU não se manifestou sobre a situação até janeiro de 1991 (13 meses depois de iniciada a guerra civil e cinco meses depois do estabelecimento do Ecomog). HOWE, op. cit., p.146.

²⁷ Em agosto de 1990 havia 225 mil refugiados liberianos na Guiné; 150 mil na Costa do Marfim e 69 mil em Serra Leoa; cerca de cinco mil pessoas haviam sido mortas e um total de três mil nigerianos, ganenses e leoneses estavam sendo mantidos reféns pela NPFL.

²⁸ LYONS, 1998, p. 229.

²⁹ ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War, Nigeria, Ecomog, and Regional Security in West Africa*, p. 59.

5.4

A atuação do Ecomog e os acordos de paz

Ao todo foram assinados 14 acordos de paz durante a guerra civil liberiana, nove deles entre 1990 e 1994 e cinco entre os anos de 1994 e 96. O fim do conflito na Libéria só aconteceu com a implementação do Acordo de Abuja II, assinado entre o fim de 1996 e o janeiro de 1997.

Quando o Ecomog chegou à Libéria, em 25 de agosto de 1990, encontrou um país com geografia desafiadora e fortes e profundas divisões étnicas. Ao todo eram 17 grupos raciais diferentes e nenhum deles representava mais do que 20% da população. Além da INPFL, da AFL (que agora contava com cerca de sete mil soldados remanescentes do exército Krahn de Doe e liderado pelo general Hezekiah Bowen) e da NPFL, novos grupos armados surgiam num curto espaço de tempo. Em maio de 1991, políticos Krahn e Mandingo, refugiados em Serra Leoa, fundaram o Movimento Unido de Liberação da Libéria para a Democracia (Ulimo). O Conselho de Paz da Libéria (LPC) surgiu em 1993 com cerca de 3,5 mil homens liderados pelo político Krahn, George Boley, que foi ministro durante as administrações Tolbert e Doe.³⁰ A Força de Defesa de Lofa (LDF) também surgiu em 1993, com aproximadamente 400 combatentes, sob as orientações de François Massaquoi, um líder indígena do condado de Lofa. Seguindo essa tendência de etnização dos movimentos faccionários, o Ulimo se dividiu em duas facções em março de 1994: o Ulimo-J, sob a liderança do comandante Krahn, Roosevelt Johnson; e o Ulimo-K, seguindo o comandante Mandingo, Alhaji Kromah.³¹ Também em 1994, antigos oficiais da NPFL, romperam com o líder faccionário, formando o Conselho Revolucionário Central da NPFL (ou apenas CRC), que passou a ter três líderes: Tom Woewiyu, Laveli Supuwood e Sam Dokie.³²

No meio desse plantel de movimentos beligerantes que as tropas do Ecomog exerceram toda a extensão do seu mandato. As duas facções rebeldes liberianas (NPFL, INPFL) e a AFL tiveram reações diferentes quanto à chegada da força

³⁰ Ibidem, p. 6.

³¹ Ibidem.

³² Nenhum dos líderes dessas facções apresentou um motivo ideológico para entrarem na guerra ou mostrou quaisquer planos coerentes para mudanças fundamentais nas estruturas sociais, políticas e econômicas liberianas. As facções anti-NPFL se diziam lutar pelos direitos democráticos de todos

interventora estrangeira. AFL e INPFL logo ofereceram cooperação enquanto a NPFL manteve sua posição hostil. Johnson e Bowen logo perceberam que eram militarmente fracos demais para combater as forças do Ecomog e partiram para uma tentativa de se beneficiar da presença da tropa estrangeira. Para conseguir proteção e se locupletar das ações do Ecomog contra as forças de Taylor, tanto AFL quanto INPFL cooperaram abertamente na busca de informações e de ajuda para a locomoção das tropas estrangeiras nos terrenos pantanosos que circundavam a capital liberiana.³³

Uma das maiores dificuldades no combate à guerra civil liberiana era o fato de que as fontes econômicas do país estavam financiando o enriquecimento dos líderes das facções e suas campanhas militares. Muitas das batalhas se resumiam em conquistar o controle de áreas ricas em recursos econômicos (diamantes, ouro, madeira, minério de ferro, borracha etc.).³⁴

Taylor controlava cerca de 90% do território e, conseqüentemente, as mais lucrativas áreas de exploração de recursos naturais e as rotas de comércio (oficiais e clandestinas). A tropa da NPFL, que já havia se mostrado bem treinada e bem armada, se mostrava um forte desafio às forças mal treinadas, mal equipadas e apressadamente reunidas do Ecomog. E as alianças, mesmo que momentâneas, do Grupo com o INPFL e a AFL poria em cheque o caráter de neutralidade do Ecomog.³⁵

A estratégia inicial do era de intimidar as três facções beligerantes dando tempo para o estabelecimento de um governo interino que se ocuparia, junto com a Ecomog e com a ajuda do próprio Ecomog, da resolução de diferenças políticas e

os liberianos, porém eram exércitos étnicos *ad hoc* liderados por indivíduos com credenciais democráticas no mínimo suspeitas.

³³ À época do embarque dos soldados do Ecomog, não havia mapas do território liberiano, a não ser os que foram copiados pela embaixada norte-americana em Freetown (capital de Serra Leoa) e cedidos ao comando do Grupo. Fora o material cartográfico fornecido pelos EUA, o país que melhor conhecia o território liberiano, nenhum outro país possuía sequer referências de navegação do litoral a ser vencido pelas tropas do Ecomog até aportar nas praias da Monróvia.

³⁴ Taylor conseguia os recursos oficiais do país com as exportações e o pagamento de impostos pela extração de minério feita por um consórcio norte-americano, japonês e europeu e por empresas de extração de madeira. O Ulimo-K restaurou a ligação comercial de diamantes dos Mandingos com Serra Leoa, o Ulimo-J também extraía diamantes nas minas do condado de Bomi e o LPC, que controlava o porto de Buchanan, era financiado pela exportação de borracha. Levando-se em conta apenas o ano de 1995, os líderes das principais facções exportaram para os mercados da Europa e do sul da Ásia cerca entre US\$300 milhões e US\$500 milhões em diamantes e ouro, US\$53 milhões em madeira e US\$27 milhões em borracha. ATKINSON, Phillipa. ADEBAJO, 2002. *Building Peace in West Africa*, p. 48.

da preparação da Libéria para eleições em clima de relativa paz. A idéia era forçar os aliados *ad hoc* (AFL e INPFL) a se desarmarem e, em seguida, pressionar Taylor a fazer o mesmo.³⁶ Tal linha de raciocínio mostrou que o comandante das forças do Ecomog superestimou perigosamente a eficácia de seus comandados, levando seus soldados a subestimar tanto Taylor quanto Johnson.³⁷

Os problemas com a postura inicial de superioridade, a inexperiência e o fato de o Ecomog estar mal equipado seriam sentidos rapidamente. Já em 9 de setembro, enquanto Doe fazia uma visita a Quainoo no Quartel-General do Ecomog, Johnson e um grupo de soldados da INPFL invadiram o Q.G. e seqüestraram o líder liberiano, assassinando 16 soldados da AFL que serviam como guarda-costas.³⁸ Menos de 24 horas depois do seqüestro, uma fita de vídeo amplamente divulgada, mostrava a macabra tortura e a morte de Doe nas mãos de Johnson.³⁹ O seqüestro de Doe de dentro do Q.G. do Ecomog e o fracasso do Grupo em proteger a vida do ex-líder, levou a AFL a romper a aliança com o Ecomog e a acusar Quainoo e seus homens de conivência com a INPFL. A credibilidade da missão havia sofrido um duríssimo golpe. Numa atitude desafiadora Johnson declarou-se presidente da Libéria e dirigiu a limusine de Samuel Doe de volta ao Q.G. do Ecomog. Em represália, a AFL ordenou a seus soldados que incendiassem vários bairros da capital, capturando uma tropa nigeriana exigindo armamentos como resgate.⁴⁰ Porém o próprio Ecomog sofria com problemas logísticos, de armamentos, de comunicação e financeiros. Muitos dos contingentes aportavam na Monróvia sem armas (!), o que obrigava a Nigéria a providenciar o mínimo de armamentos para os soldados, assim como fez com toda a tropa gambiana.⁴¹ A falta de informação adequada de inteligência e comunicação efetiva entre os líderes da Ecogas e os comandantes de campo das

³⁵ ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War, Nigeria, Ecomog, and Regional Security in West Africa*, p. 73.

³⁶ Futuramente a estratégia seria justamente a contrária: o Ecomog, de certa maneira, iria ser conivente com um aumento relativo do poder dos opositores para que Taylor, ameaçado de perder cada vez mais o controle de regiões importantes do território, se visse obrigado a assinar acordos de paz para manter o poder e evitar que ele fosse ainda mais erodido.

³⁷ ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War...*, p. 75.

³⁸ Ibidem, p. 78.

³⁹ Ao fim das torturas, Doe foi acorrentado a uma banheira e deixado sangrar até a morte, enquanto era filmado.

⁴⁰ O pedido deixou evidente a facilidade com que os soldados nigerianos haviam sido capturados e a possibilidade de ações semelhantes serem implementadas pelos demais grupos faccionários para conseguir armas e munição. HOWE, 1996, p.154.

⁴¹ ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War...*, p. 75.

forças do Ecomog era tão pungente que até mesmo os rádios de comunicação usados pelas tropas eram ineficazes pois transmitiam em frequências diferentes e incompatíveis.⁴²

Menos de uma semana depois, em 14 de setembro de 1990, dois marinheiros nigerianos e três enfermeiras ganenses foram mortos quando uma artilharia da NPFL bombardeou um navio que trazia uma missão enviada pelo governo de Gana. O presidente Jerry Rawlings ordenou o imediato bombardeio das posições conhecidas do NPFL pela força aérea ganense. O ataque à missão serviu como pretexto para uma ação de pacificação militar da Monróvia, o que levou à primeira mudança de objetivos da missão (trocando momentaneamente suas prerrogativas de peacekeeping para as de peace enforcement).⁴³ Logo após a autoproclamação de Johnson como mais um presidente da Libéria (Taylor já era “presidente” há cerca de um mês) Quainoo exigiu à Ecomog a retirada das tropas. A Nigéria, temendo o fracasso da força que lhe valeu tanto esforço diplomático, substituiu Quainoo pelo então presidente da “Autoridade” da Ecomog e ex-presidente de Gâmbia, Dawda Jawara. O major-general nigeriano Joshua Dogonyaro foi encarregado de comandar o Ecomog em campo, com ordens de dar uma postura mais agressiva para reconquistar a moral, a confiabilidade e a eficácia do Ecomog. Nigéria e Gana enviaram mais três mil homens, mais armamentos e mais capacidade aérea ofensiva.⁴⁴

A pressão do Ecomog expulsou a NPFL do centro da capital e levou Taylor a assinar um acordo de cessar-fogo durante a primeira reunião extraordinária da Ecomog em Bamako, capital de Mali, em 27 de novembro de 1990.⁴⁵ O acordo de Bamako estabeleceu o fim do conflito e a criação de um governo provisório, para

⁴² Ibidem. O Ecomog também se ressentia da falta de caminhões, helicópteros, uniformes, botas, cobertores, fornecimento de água potável, produtos médicos de primeiros socorros, tendas etc. O salário de US\$5 diários freqüentemente sofria atrasos. Para uma análise mais detalhada sobre as dificuldades logísticas e materiais do Ecomog. HOWE, op. cit. pp.167-169.

⁴³ LYONS, op. cit., p. 229.

⁴⁴ Dogonyaro chegou à Libéria em fins de setembro de 1990 determinado a corrigir a impressão de fraqueza e descordenação imputadas ao Ecomog. Determinou que as tropas estivessem prontas para um ataque em larga escala contra os homens de Taylor, que foi levado a cabo no dia 1º de outubro, dia da independência da Libéria. HOWE, op. cit., p.155.

⁴⁵ Participaram da reunião os líderes de Benin, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Nigéria, Níger, Senegal e Togo, além do líder da NPFL, Charles Taylor.

o qual foi escolhido Amos Sawyer⁴⁶ como presidente do Governo Interino de Unidade Nacional (Ignu).⁴⁷

Mesmo com o Ecomog controlando a capital, o aeroporto de Spriggs Payne e o porto de Buchanan (abrindo um corredor para a chegada da ajuda humanitária) Taylor mantinha o comando sobre quase todo o restante do território liberiano.⁴⁸

O Acordo de Bamako durou dois anos e, nesse tempo, o Representante Especial da Ecomog, o nigeriano Joshua Iroha, trabalhou para conseguir estabelecer uma paz mais consistente. Os dois anos de relativa tranquilidade também possibilitaram aos faccionários que se rearmassem e treinassem seus soldados.⁴⁹

Logo após a tomada de Monróvia, Dogonyaro pediu ao governo nigeriano o envio de mais três batalhões para que completasse e efetivasse o cessar-fogo em todo o território. Mas a popularidade conquistada pelo general nigeriano após o sucesso da missão levou Lagos a negar o envio de mais militares. Dogonyaro foi retirado do comando do Ecomog cinco meses depois de sua chegada ao território liberiano (em fevereiro de 1991).⁵⁰

Nesse mesmo mês, uma nova reunião em Lomé, no Togo, entre os integrantes do SMC, do NPFL e do INPFL, discutiu a implementação do que havia sido assinado em Bamako. Um impasse surgiu em Lomé e que viria a se apresentar em todos os demais encontros, representando o grande obstáculo para a assinatura dos tratados de paz: a NPFL insistia que o novo governo interino tomasse posse antes do início das ações de desarmamento, os demais insistiam no

⁴⁶ A Conferência extraordinária da Ecomog em Bamako foi realizada para estabelecer o cessar-fogo, o fim da compra de armas pelos grupos beligerantes, a criação de uma zona de contenção permanente a ser feita pelo Ecomog para separar os beligerantes e para a escolha do governo interino (seguido pelo desenvolvimento de um plano de desarmamento das facções pelos soldados do Ecomog). Em Bamako, todas as autoridades da Ecomog e o representante de Taylor endossaram a implementação do que havia sido proposto meses antes, em Banjul, pelos integrantes do SMC. Amos Sawyer havia tentado participar das eleições liberianas de 15 de outubro de 1985 pelo Partido Popular Unido (UPP), mas foi banido do país por Doe, acusado de defender ideologias “estranhas e alienígenas”. LYONS, op. cit., p. 228.

⁴⁷ O plano de paz foi endossado pelo Conselho de Segurança da ONU em 22 de janeiro de 1991. ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War...*, p. 86.

⁴⁸ HOWE, op. cit., p. 156; ADEBAJO, op. cit., p. 80; e LYONS, op. cit., p. 229.

⁴⁹ O governo de Burkina Faso ajudou Taylor a reorganizar a NPFL. Mas Taylor também construiu sua base de financiamento ao explorar e comercializar os recursos naturais liberianos: ouro, diamantes e madeira. Taylor também levou a guerra para além das fronteiras liberianas, ajudando a criar e a armar um grupo de dissidentes leoneses que ganharia o nome de Frente da União Revolucionária (RUF). O objetivo do líder da NPFL era enfraquecer a base de apoio do Ecomog, pressionando o governo de Serra Leoa a defender a retirada das forças do Grupo. A RUF invadiu o território leonês em março de 1991. HOWE, op. cit., p.156.

desarmamento antes de qualquer instauração ou eleição de um novo governo interino. Mesmo assim, o cessar fogo foi assinado e uma Conferência Nacional foi marcada para o dia 15 de março de 1991.⁵¹

Depois de um atraso de 12 dias, a Conferência Nacional reelegeu Amos Sawyer como presidente interino. Porém Taylor não estava disposto a ceder às pressões da Ecomog e continuava agindo como “estraga-prazeres” com muita ardileza política, exigindo a presença de tropas da ONU entre os soldados do Ecomog e a redução destes de seis mil para 1,5 mil homens. A estratégia era enfraquecer o Ecomog forçando o aumento dos custos militares da intervenção e atacar a Ecomog através de seu “calcanhar de Aquiles”: Serra Leoa.⁵² Taylor conseguiu parte de seus objetivos mas sofreu alguns revezes militares quando se envolveu em combates com o Ulimo (apoiado pela Nigéria, Guiné e Serra Leoa) no oeste da Libéria.⁵³ Por isso Taylor insistia em só desarmar sua facção quando o Ulimo cessasse seus avanços em território liberiano.

Mais quatro reuniões de negociação aconteceram, entre os meses de junho e outubro de 1991, em Yamoussoukro⁵⁴, na Costa do Marfim, marcando uma mudança interna na Ecomog. As reuniões eram uma tentativa pessoal do presidente marfinense, Houphouët-Boigny, de consolidar a reputação que já tinha como o líder mais sábio e sensato da diplomacia francófona africana.⁵⁵ Mesmo

⁵⁰ ADEBAJO, op. cit. p. 81.

⁵¹ ADEBAJO, 2002. *Building Peace...*, p.53; e ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War...*, p. 87.

⁵² Assim, Taylor encorajou soldados da NPFL a seguirem a liderança de leoneses que haviam criado a Frente Revolucionária Unida (RUF) e invadir Serra Leoa (em 23 de março de 1991) com o objetivo de desestabilizar o governo leonês e expandir sua própria fonte econômica através da venda dos diamantes leoneses. Levando a guerra até Serra Leoa, Taylor esperava estilhaçar a coalizão que coordenava o Ecomog e forçar que os leoneses se retirassem da guerra. Além disso, Taylor pretendia mostrar que a racionalidade do Ecomog era falha ao mostra que o Grupo era inábil tanto para forçar paz quanto para evitar que o conflito se espalhasse pela região. Em quatro meses, a investida da RUF causou a fuga de 107 mil pessoas a procura de refúgio na Guiné.

ADEBAJO, 2002. *Liberia's Civil War...*, p. 90.

⁵³ A área fronteira entre Libéria e Serra Leoa era habitada majoritariamente por refugiados Krahn e Mandingo, muitos deles ex-integrantes da AFL que fugiram logo após a derrocada de Doe. Esses liberianos resistiram à invasão da RUF, criando um novo movimento armado, o Ulimo (Movimento Unido de Libertação dos Liberianos para a Democracia), em maio de 1991. Aos poucos o Ulimo sufocou os soldados da RUF até que, em fevereiro de 1992, atravessou a fronteira de volta à Libéria. Pouco depois dividiu-se em duas novas facções: Unimo-K, de maioria Mandingo, e Ulimo-J, de maioria Krahn. Muitos dos soldados Krahn da AFL se aliaram ao Ulimo-J ou ao Conselho de Paz Liberiano (LPC), outro novo grupo armado, composto por facção Krahn e liderado por George Boley, cujas atividades estavam restritas ao sudeste liberiano.

⁵⁴ Os encontros aconteceram entre os dias 29 de junho e 30 de outubro de 1991 e o Ulimo, talvez por ser um movimento então recém-nascido não teve representantes.

⁵⁵ A ascensão dos francófonos se tornou um fato com a inclusão da Costa do Marfim, Senegal e Togo no SMC e com a eleição do senegalês Abdou Diouf para a presidência da Ecomog em julho

assim as reuniões de Yamoussoukro continuaram a evidenciar uma divisão de idéias dentro da Ecomog e, conseqüentemente, a falta de apoio internacional ao Ecomog. Diferentemente da Nigéria, Gana estava inclinada a tolerar um provável governo de Taylor. Os principais pontos apresentados no acordo de Yamoussoukro foram a ampliação da ação do Ecomog em todas as regiões da Libéria, o encampamento e desarmamento de todas as facções liberianas sob a supervisão do Grupo, a criação de uma zona de contensão na fronteira entre Libéria e Serra Leoa, o monitoramento dos portos e aeroportos (a fim de evitar o contrabando de armas). Yamoussoukro também previu a institucionalização de um governo interino, uma comissão eleitoral e a criação de uma suprema corte *ad hoc* para a promover eleições em seis meses. O desarmamento deveria ocorrer entre 15 de novembro de 1991 e 14 de janeiro de 1992, autorizando Taylor a manter as áreas sob sua administração durante esse período.⁵⁶

A ONU e a OUA continuavam a apoiar as ações sub-regionais apenas em caráter moral e os EUA pressionavam por resultados mais concretos nos processos de paz de Yamoussoukro enquanto negavam apoio militar ao Ecomog, que acusavam de favorecer e apoiar facções anti-NPFL.⁵⁷

Durante o ano de 1992 Yamoussoukro foi sendo implementado em ritmo cauteloso. Com o avanço das ações, contingentes do Grupo foram sendo enviados ao norte e nordeste do território para cuidar do desarmamento dos soldados de Taylor e das facções beligerantes.

Entre os dias 6 e 7 de abril de 1992 uma conferência de líderes da Ecomog foi organizada na residência de inverno do presidente Houphouët-Boigny, em Genebra, para ratificar os pontos da paz de Yamoussoukro e postergar o prazo de desarmamento para 8 de junho.

Era de se esperar que Taylor, depois de ter descumprido os tratados anteriores, agisse contra o que havia sido estabelecido em Yamoussoukro. Dessa vez o líder da NPFL foi ainda mais ousado, matando seis integrantes da tropa

de 1991. Assim houve uma nova divisão de trabalhos dentro da Comunidade: os francófonos se ocupavam das mediações enquanto os anglófonos exerciam o grosso das operações militares. ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p.88; e ADEBAJO, *Building Peace...*, p.54.

⁵⁶ ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 89.

⁵⁷ ADEBAJO, *Building Peace...*, p.55.

senegalesa⁵⁸ do Ecomog, em 28 de maio de 1992, no condado de Lofa, norte da Libéria, e mantendo outros 500 soldados como reféns durante uma semana.⁵⁹

Em agosto de 1992, citando a rápida expansão do Ulimo no noroeste do país, Taylor se recusou a continuar com o processo de desarmamento e reiniciou os combates com o Ulimo, praticando também ações de humilhação contra soldados do Ecomog, matando seis nigerianos e libertando outros depois de retirar todos os armamentos e uniformes.⁶⁰

No fim de 1992, apesar das severas discussões internas que levariam à divisão do movimento, o Ulimo tomou o controle do Condado de Grand Cape Mount, passando a administrar 20% do território liberiano, levando Taylor a diminuir sua área para 75%.

Para retomar o controle do território perdido, Taylor teria que derrotar primeiro o Ecomog. Assim a NPFL montou uma ofensiva militar ampla, a “Operação Octopus”, executada em 15 de outubro de 1992 com um ataque maciço à Monróvia pegando de surpresa o Ecomog e evidenciando a fraqueza do setor de inteligência do Grupo.⁶¹ A AFL e o Ulimo lutaram ao lado do Ecomog na defesa da Monróvia e, mais uma vez, suscitou dúvidas quanto à neutralidade do Grupo. A nova etapa de relações beligerantes com Taylor forçou novamente as diretrizes do Ecomog para as ações de peace enforcement, levando ao início de cinco meses de embates.⁶²

⁵⁸ Senegal enviou cerca de 200 peacekeepers à Libéria em outubro de 1991. Em março de 1992 mais 1,2 mil soldados se juntaram à tropa senegalesa, que contava com amplo apoio logístico e financeiro dos EUA, já que o governo de Senegal havia integrado 500 de seus soldados à força de coalizão que lutou na Guerra do Golfo em 1991.

⁵⁹ O próprio Taylor havia sugerido a adesão de tropas senegalesas ao Ecomog para diluir a forte presença anglófona (leia-se aqui ‘presença nigeriana’) nas ações de campo. O líder da NPFL arrependeu-se rapidamente ao ver que as tropas de Senegal eram melhor armadas, coordenadas e eficazes que todos os demais integrantes do Grupo. Daí as ações contra os soldados senegaleses, acusados por Taylor de serem o braço armado dos EUA na Libéria. ADEBAJO, Adekeye. *Building Peace...* p.55.

⁶⁰ Em agosto de 1992, o número de soldados do Ecomog no conflito liberiano passava 100, incluindo 58 nigerianos, 24 guineanos, nove ganenses, quatro leoneses e dois gambianos, além dos seis senegaleses. ADEBAJO, Adekeye. *Liberia's Civil War...* p. 108; e HOWE, op. cit. p.157.

⁶¹ A NPFL manteve um cerco de dois meses sobre a capital Monróvia e o contra-ataque do Ecomog levou uma semana para ser coordenado e posto em prática, com o bombardeamento pelo ar e pelo mar das posições da NPFL.

⁶² HOWE, op.cit., p.158.

No fim de dezembro as forças do Ecomog havia empurrado os soldados da NPFL para além dos subúrbios de Monróvia, depois que Nigéria e Gana enviaram mais soldados.⁶³

Em novembro de 1992, um grupo de ministros das Relações Exteriores dos integrantes da Ecomog pediu sanções contra a Libéria no Conselho de Segurança. A aprovação da Resolução 788, em 19 de novembro, impôs um embargo à venda de armas para a Libéria e nomeou o economista jamaicano Trevor Gordon-Somers como representante especial do Secretário-Geral para a Libéria.

Em meados de 1993, Taylor se enfraquecia e retirava seus homens de boa parte do território liberiano, perdendo muito de sua base econômica. As agressivas ações de peace enforcement levaram Taylor novamente à mesa de negociações com outros líderes faccionários em Cotonou, capital do Benin, entre 10 e 17 de julho de 1993. Dessa vez com a participação de representantes da ONU e da OUA. O acordo, assinado em 25 de julho, foi o mais detalhado deles, prevendo a expansão do Ecomog (que agora contava com peacekeepers da ONU e da OUA), estabelecendo um cessar-fogo para o dia 1 de agosto de 1993, um Conselho de Estado com cinco integrantes, um Governo Transitório Nacional Liberiano (LNTG) para o fim de agosto, eleições presidenciais em sete meses e zonas de contensão nas fronteiras da Libéria com a Guiné, Costa do Marfim e Serra Leoa. Cotonou também especificou quais seriam os papéis de supervisão e monitoramento que cabiam à ONU e ao Ecomog, sendo importante para suavizar as preocupações quanto à influência nigeriana no Ecomog. Vale lembrar que Cotonou se tornou um marco ao representar a primeira vez em que a ONU concordava em cooperar com uma força de intervenção não formada por capacetes azuis.⁶⁴ A ONU estabeleceu um comitê para monitorar o cessar-fogo (a Unomil – Missão de Observação da ONU na Libéria), que envolvia o Ecomog e representantes das facções liberianas. O acordo foi assinado dois meses depois que o Ecomog tomou o controle do porto de Buchanan e outros pontos estratégicos controlados pela NPFL, reduzindo a área de dominação de Taylor de 95% do território (em 1990), para 50%.⁶⁵ Mas ainda não seria dessa vez que o

⁶³ O contingente do Ecomog era agora de 10 mil soldados (sete mil deles nigerianos). ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 109.

⁶⁴ HOWE, op.cit., p.159.

⁶⁵ No início de 1994, a ONU enviou 368 observadores. A Unomil tinha como objetivos o monitoramento do cessar-fogo e do embargo de armas à Libéria, dar assistência nas ações de

Ecomog receberia o apoio financeiro e logístico que tanto requisitava à comunidade internacional. Consequência disso foi que em agosto de 1994 apenas 3,61 mil combatentes haviam sido efetivamente desarmados quando a estimativa era de desmobilizar 33 mil homens. Parte desse fracasso se deveu também aos constantes questionamentos entre Ecomog e Unomil sobre a melhor forma de executar o desarmamento.⁶⁶

As várias emboscadas feitas pelas facções liberianas a soldados da OUA e do Ecomog obrigaram a ONU a mandar os peacekeepers de volta à Monróvia e a diminuir o contingente deles de 368 para 90.⁶⁷ O que levou à constatação de que os líderes das facções liberianas assinaram o Acordo de Cotonou da mesma maneira que fizeram com os acordos anteriores: apenas por razões táticas.

Em janeiro de 1994, chegaram à Libéria 773 soldados tanzanianos e 796 ugandenses que se integrariam ao Ecomog como parte da contribuição da OUA. Taylor deixou claro que não iria começar a desarmar seus soldados até que o Governo Nacional Transitório da Libéria (LNTG) fosse instaurado, um dos pontos assinados em Cotonou. Concomitantemente com a instalação do LNTG (a partir de 7 de março de 1994), o Ecomog enviou tropas para os condados a fim de iniciar a coordenação nacional dos desarmamentos. Os trabalhos de desarmamento iam de vento em popa quando uma nova onda de violência irrompeu pelo país.⁶⁸ Essa situação fez com que o Ecomog concentrasse novamente seus batalhões na capital, já que não tinha mais a garantia de

desarmamento e desmobilização dos rebeldes e observar a lisura do processo eleitoral. A Missão também era responsável por ajudar na coordenação da ajuda humanitária e pelos relatórios sobre as violações dos direitos humanos. ADEBAJO, *Building Peace...*, p.57; ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 127; e HOWE, op.cit., p.159.

⁶⁶ Tensões entre a Unomil e o Ecomog dificultaram a implementação do acordo, já que os soldados do Ecomog não concordavam com o uso de helicópteros e veículos pelos homens da Unomil. Ressentimentos surgiram por causa da diferença entre os soldos dos soldados do Ecomog e da Missão. Com relação ao desarmamento, o Ecomog queria que a Unomil tivesse ação mais passiva e os oficiais do Grupo passaram a se sentir desrespeitados com o que entenderam ser negociações unilaterais lideradas pelo Representante Especial da ONU, Trevor Gordon-Somer, com algumas facções. O Ecomog acreditava que uma aproximação dura seria mais eficaz. Ambos os grupos entraram em choque. A Missão também criticou o Grupo de não ser capaz de proteger o próprio pessoal. HOWE, op.cit., p.161.

⁶⁷ As facções liberianas atacavam os observadores da ONU, roubando seus veículos, combustível, equipamentos e provisões. Em junho de 1994 seis observadores da Unomil foram aprisionados. O mesmo aconteceu três meses depois. A NPFL capturou 43 deles, libertando-os depois de nove dias. A gota d'água para a ONU foi o ataque a um helicóptero da Unomil por soldados da NPFL. ADEBAJO, *Building Peace...*, p.58; e ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p.139.

⁶⁸ Apenas no primeiro mês de trabalho, cerca de 2,2 mil dos 33 mil combatentes haviam sido desmobilizados. Esse número avançou vagarosamente, atingindo os 3,6 mil soldados apenas em 22 de agosto de 1994. ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 138.

cooperação dos líderes faccionários e passaram a ser alvos de embocadas e ataques.⁶⁹

Entre 7 e 12 de setembro de 1994, o presidente de Gana, Jerry Rawlings e novo líder da Ecomog, reuniram os três líderes das maiores facções liberianas (Charles Taylor/NPFL; Alhaji Kromah/Ulimo-K e o general Hezekiah Bowen/AFL) em Akosombo. Ainda não seria desta vez que a Ecomog deixaria de cometer teimosamente o mesmo erro de isolar os demais líderes beligerantes e os demais representantes da sociedade civil, mas ao menos o representante da ONU para a Libéria, Trevor Gordon-Somers, havia sido convidado a participar.⁷⁰ Desse encontro surgiu o acordo de formação de um Conselho de Estado da Libéria (LSC) que teria cinco integrantes: os três líderes mais um, escolhido conjuntamente por Taylor e Kromah, e outro nomeado pela sociedade civil através da Conferência Nacional Liberiana (LNC). Essa era a nova estratégia do Ecomog: já que não era possível impor a paz, pelo menos que os líderes da guerra fossem apaziguados e tornados condescendentes com a ação do Grupo. Porém essa mudança de estratégia marginalizou a presença da sociedade civil no processo de paz da mesma forma que a ONU havia feito anos antes nas fracassadas tentativas de “costurar” a paz entre os somalis (ver capítulo 3). Por causa desse início “torto”, Akosombo ficou conhecido como “acordo dos senhores da guerra” (*warlord's agreement*). O agravante era a constatação de que os representantes escolhidos como os líderes mais importantes das facções liberianas já não representava mais a realidade político-militar do país. À época da assinatura, dois dos três signatários, Taylor e Kromah, haviam perdido o controle de seus quartéis-generais, tomados por facções rivais.⁷¹

Temendo que o bombardeio de críticas se transformasse em motivo para novos conflitos, o presidente de Gana reuniu os ministros das Relações Exteriores da Ecomog e os representantes civis e políticos liberianos para uma série de

⁶⁹ Em abril de 1994 o comandante da NPFL em Konola forçou a retirada dos soldados nigerianos. Em maio, nove soldados de Uganda foram capturados e mantidos reféns pelo LPC enquanto outros seis soldados do Ecomog também eram mantidos prisioneiros pelo Ulimo e um batalhão tanzaniano era obrigado a entregar todas as armas e equipamentos para uma tropa da NPFL. Em agosto, uma emboscada nos arredores de Buchanan, feriu cinco soldados nigerianos. Em 14 de setembro uma tropa inteira de soldados tanzanianos foi surpreendida por soldados do Ulimo-J, que matou três, feriu sete e aprisionou quatro deles. O governo da Tanzânia reagiu publicamente lembrando que seus soldados não haviam sido convocados para lutar, e sim para manter a paz. HOWE, op. cit., p.169; e ADEBAJO. *Liberia's Civil War...*, p. 139.

⁷⁰ ADEBAJO, op.cit., p. 156.

reuniões em Accra em três semanas de discussão (a partir de 17 de setembro de 1994) na qual fizeram um adendo a Akosombo: apesar de mantidos os cinco assentos do Conselho de Estado da Libéria, eles teriam que ser divididos entre a NPFL, o Ulimo-K, a coalizão de facções anti-NPFL (o CRC, a AFL, a LDF, o LPC e o Ulimo-J)⁷², a LNC e um quinto integrante a ser eleito pelo colegiado do Governo Transitório Nacional Liberiano (LNTG). A Força Armada Liberiana (AFL) seria reestruturada pelo Ecomog, com ajuda da ONU, para que incluísse integrantes de todas as facções.

Nesse ínterim, o país foi novamente engolfado por conflitos generalizados. Mesmo a capital, protegida pelo Ecomog, sofreu uma das investidas mais pesadas desde a “Operação Octopus”. Entrando na capital disfarçado, o general Charles Julu, ex-comandante da AFL, reuniu cerca de 300 homens e em 24h tomou a Mansão Executiva na manhã de 15 de setembro de 1994. Julu passou a dar entrevistas pelo telefone como novo presidente da Libéria e convocou uma coletiva de imprensa para anunciar-se como tal. Cerca de 12 horas depois o Ecomog já havia cercado a sede do governo, forçando a rendição de Julu. Assim como a invasão e captura de Doe dentro do Q.G. do Ecomog, em 1990, e a invasão da capital por Taylor, em 1992, o golpe de Julu expôs as falhas de segurança e inteligência militar do Ecomog ao opróbrio público.

O Acordo de Accra foi assinado em 21 de dezembro de 1994, estabelecendo um novo cessar-fogo para o dia 28 e a instalação do novo Conselho de Estado para duas semanas depois. O desarmamento deveria estar completo em quatro meses e as eleições deveriam acontecer em 14 de novembro de 1995, com o governo eleito iniciando o mandato em 1º de janeiro de 1996. Akosombo e Accra legitimaram definitivamente a participação dos senhores da guerra no governo interino liberiano.⁷³

Como os acordos anteriores, este nunca foi implementado de fato. O cessar-fogo foi constantemente desprezado, principalmente no sudeste do país (nos

⁷¹ ADEBAJO, *Building Peace...*, pp. 59-60; e ADEBAJO, op.cit., pp. 156-157.

⁷² Três representantes da NPFL no gabinete ministerial da LNTG, considerados como a espinha dorsal intelectual da Frente, Tom Woewiyu, Laveli Supuwood e Sam Dokie, romperam com Taylor e criaram o Conselho Revolucionário Central (CRC-NPFL). O trio angariou apoio de grande parte dos homens de Taylor, formou uma ampla coalizão com as demais facções anti-NPFL (AFL, LDF, LPC e Ulimo-J) e se transformou em uma nova variável a ser levada em consideração na cada vez mais complexa equação liberiana.

⁷³ ADEBAJO, *Building Peace...*, p.60; e ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 162.

conflitos entre NPFL e o LPC) e na região central (nos conflitos entre a NPFL e o Ulimo-J). A coalizão anti-NPFL se mostrou insipiente, nunca chegando a um acordo interno sobre o candidato a ser apresentado ao Conselho de Estado.

Em 2 de junho de 1995 um fato histórico surpreenderia a sub-região: o encontro oficial entre Taylor e o presidente Sani Abacha, da Nigéria, reuniu na mesma mesa o líder da mais forte facção liberiana e o líder do maior contingente do Ecomog.⁷⁴ Para vários autores esse encontro marca a definitiva mudança de rumo nos acordos de paz e o passo definitivo em direção a um acordo mais efetivo. O líder da NPFL estava mais propenso à paz, já que perdia cada vez mais territórios nos conflitos com rivais e havia sentido o baque do esvaziamento político e de contingente depois da separação do CRC. A Nigéria, por sua vez, não poderia alcançar o objetivo de implementar a *pax nigeriana* sem a cooperação da NPFL e as ambições presidenciais de Taylor não seriam alcançadas sem a cooperação nigeriana.

Sob a crescente pressão da Ecowas⁷⁵, os líderes faccionários assinaram mais um acordo de paz em Abuja, capital da Nigéria, em 19 de agosto de 1995. Durante a reunião, Taylor, Kromah e Boley (considerados os líderes faccionários mais poderosos) foram nomeados para três das agora seis cadeiras do Conselho de Estado. Além das cadeiras da NPFL, do Ulimo-K e do LPC, o Acordo de Abuja I, como ficou conhecido, distribuiu as outras três representações à sociedade civil liberiana: um líder dos partidos políticos, um representante dos líderes tradicionais e um professor universitário.⁷⁶ Postos ministeriais também foram divididos para incluir os segundo-em-comando das facções e das representações da sociedade civil, assim como cargos na Suprema Corte, nas agências autônomas e nas

⁷⁴ A idéia da reaproximação entre Sani Abacha e Charles Taylor havia sendo acalentada pelos governos de Gana, Burkina Faso e Costa do Marfim, tendo Blaise Compaoré e Rawlings como principais artífices.

⁷⁵ Em abril de 1995, a guerra civil liberiana atravessaria novamente a fronteira com a Costa do Marfim, atingindo a cidades de Danané, Tai, Tabou e Grabo, resultando na morte de civis marfineses e numa migração adicional de refugiados para a Costa do Marfim calculada pela Anistia Internacional (*Annual Report on Liberia, 1996, p.2*) entre 16 mil e 35 mil liberianos. Em outubro de 1995 a Unomil enviaria um relatório ao Secretário-geral Boutros-Ghali no qual estimava um total de 727 mil liberianos refugiados em países da sub-região: 395 mil na Guiné, 367,3 mil na Costa do Marfim, 14 mil em Gana, 4,6 mil em Serra Leoa e 4 mil na Nigéria. ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 176.

⁷⁶ Wilton Sankawulo, ex-professor de inglês no condado de Bong (região central, entre Lofa e Nimba) e conhecido pelos livros publicados com histórias do folclore liberiano, seria escolhido como presidente do Conselho durante as discussões em Abuja I. LYONS, *op. cit.*, p. 230; e ADEBAJO, *op. cit.*, p. 167.

corporações públicas. Os prazos instituídos em Abuja I eram curtíssimos: previam o cessar-fogo já em 26 de agosto; a conclusão dos trabalhos de desarmamento (a serem implementados conjuntamente pelo Ecomog e pela Unomil) até 30 de janeiro de 1996 e eleições já em agosto do mesmo ano.⁷⁷

Mesmo depois de nove tentativas fracassadas, o otimismo em relação à implementação de Abuja I foi grande, já que, ao contrário do que havia sido feito anteriormente, todos os líderes faccionários haviam sido envolvidos nas discussões. Com o prazo para as eleições claramente estabelecido e também regras claras para a transição e transformação dos grupos rebeldes em partidos políticos, os senhores da guerra agora teriam que agir como “senhores da paz” ou correriam o sério risco de afastar seu eleitorado. O acordo também evitou o “esvaziamento” da legitimidade das ações do Ecomog ao evitar que o já pequeno contingente da ONU fosse retirado do território liberiano.⁷⁸ Assim, evitava-se também uma possível desestabilização dentro da Ecowas, assegurando a presença, mesmo que simbólica, da ONU na Libéria.⁷⁹

Porém, assim como todos os acordos anteriores, Abuja I também falhou em sua implementação. Os esforços pelo desarmamento foram constantemente atrasados e o Ecomog não foi capaz de organizar comitês de desarmamento em outras regiões do país. Os embates entre as facções continuaram até que Johnson desafiou diretamente o acordo de paz, em 29 de dezembro.⁸⁰

Os EUA continuavam insistindo em enviar ajuda financeira apenas às organizações de ajuda humanitária e a prover apenas os contingentes senegaleses e tanzanianos com verbas para deslocamento de pessoal e com equipamento apropriado e apoio logístico. As relações diplomáticas entre EUA e Nigéria

⁷⁷ ADEBAJO, *Building Peace...*, p. 60; ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 168; e LYONS, *op.cit.*, p. 230.

⁷⁸ Em junho de 1995, descontente com as notícias do acirramento das hostilidades na Libéria e da falta de entendimento entre o Ecomog e a Unomil em relação à implementação do desarmamento, o Secretário-Geral Boutros-Ghali ameaçou retirar os 63 observadores restantes. Boutros-Ghali exigia a assinatura de um novo cessar-fogo e um acordo para estabelecimento de novo calendário para a o desarmamento.

⁷⁹ Logo após a assinatura de Abuja I, a Unomil enviou novo relatório para o Secretário-Geral confirmando o retorno de 12 mil refugiados liberianos em apenas um mês de vigência do novo acordo de paz. ADEBAJO, *Liberia's Civil War...* p. 177.

⁸⁰ Os soldados do Ulimo-J atacaram as tropas do Grupo em Tubmanburg, oeste da Libéria, matando 16 nigerianos, ferindo outros 78 e capturando alguns dos armamentos pesados do Ecomog. A batalha continuou por uma semana e os prisioneiros feitos pelo Ecomog não foram libertados até que os equipamentos roubados fossem devolvidos e os prisioneiros de Johnson fossem soltos. ADEBAJO, *Liberia's Civil War...* p. 181; e LYONS, *op. cit.*, p. 230.

mantinham-se hostis. O governo Clinton mantinha a posição de não aproximação com o que considerava um governo autoritário exercido por Abacha e com ligações com o tráfico internacional de drogas. A liderança e hegemonia da Nigéria no Ecomog continuavam afastando a possibilidade de envolvimento direto dos EUA.⁸¹

A presença dos líderes das facções no Conselho de Estado não funcionou como planejado. As batalhas continuaram entre o LPC e a NPFL no sudeste, entre os dois Ulimo a oeste de Lofa e entre a NPFL e o Ulimo-K no condado de Bong. Os senhores da guerra liberiana estavam mais preocupados em usar o Conselho como plataforma para suas campanhas à presidência da Libéria. Essa situação levou a uma queda de braço entre os próprios líderes, para a conquista de mais poder e prestígio, que se refletiu imediatamente no território liberiano. Em três meses de novos conflitos, mais de três mil pessoas morreram na Monróvia.⁸²

Em abril de 1996 uma nova rodada de violência levou o país a outro período de perigosa anarquia depois que Taylor e Kromah, aliados de ocasião desde a assinatura de Abuja I, destituíram Roosevelt Johnson do Conselho de Estado e divulgaram ordem de prisão contra ele, acusado de ter mandado matar três seguranças do chefe de pessoal do Ulimo-J, Arma Youlou.⁸³ Rapidamente a Unidade de Reação Rápida da polícia nacional da Libéria, montada com integrantes da NPFL e do Ulimo-K, foi mobilizada para executar a prisão de Johnson. A recusa do ex-líder do Ulimo-J a se entregar levou as facções liberianas a se dividir e iniciar o mais devastador conflito visto na Monróvia desde 1990. As forças beligerantes foram divididas em dois lados: NPFL e Ulimo-K com o objetivo de capturar Johnson e os soldados ainda leais ao ex-líder do Ulimo-J, associados à AFL e ao LPC lutando para protegê-lo e contra as ordens de Taylor e Krahn. A batalha campal nas ruas da capital a transformou no ponto de convergência das tropas de todas as facções que estavam espalhadas pela Libéria e

⁸¹ A baixa prioridade dada pela comunidade internacional acarretou num auxílio financeiro de US\$145,7 milhões para ajuda na reconstrução da Libéria. O que não é muito se comparado aos US\$6 bilhões remetidos para a Bósnia e que Rawlings havia requisitado US\$195 milhões apenas para financiar as ações do Ecomog e da Unomil de desarmamento e desmobilização das facções. ADEBAJO, *Building Peace...*, p. 61.

⁸² Dentro do dito "conselho dos senhores da guerra", Boley acusava Kromah de beneficiar os Krahn dando-lhes os postos-chave do ministério das Finanças e a presidência do Banco Nacional da Libéria. Por sua vez, Kromah acusava Boley de instalar impropriamente um aliado do LPC na administração do mesmo Banco. ADEBAJO, op.cit., p. 61; e ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 187.

que agora seguiam rapidamente para Monróvia com o intuito de proteger de seus líderes.⁸⁴ Praticamente todas as organizações humanitárias foram atacadas e pilhadas, com atenção especial às sedes dos grupos de defesa dos direitos humanos, à estação de rádio católica e outros representantes da sociedade civil liberiana que se posicionavam contra o conflito e contra as ações dos rebeldes.⁸⁵

Os embaixadores da Guiné, Nigéria, Serra Leoa e Estados Unidos se uniram ao Representante Especial da ONU para encontros urgentes com os representantes dos dois lados em guerra para tentar manter, ao menos a segurança dos voluntários das agências de ajuda humanitária e a chegada de assistência à população civil. Em seguida, a Ecomog começou uma nova e insistente pressão por um cessar fogo que deveria ser posto em prática no dia 19 de abril de 1996.⁸⁶ Não durou muito tempo. No dia 29 de abril o cessar fogo foi ignorado. No fim de maio mais um cessar-fogo foi acordado e as tropas do Ecomog foram posicionadas em pontos estratégicos da capital, de Buchanan (ao sul da capital) e de Kakata (a leste da capital).

Em meio a uma chuva de críticas quanto ao posicionamento do Ecomog durante a crise de abril, os ministros da Ecomog, marcaram um novo encontro para agosto de 1996, novamente na capital nigeriana.⁸⁷ Abuja II reafirmou todos os pontos do primeiro acordo, porém estendeu o prazo de implementação em nove meses, com o desarmamento começando em novembro de 1996 e terminado em 31 de janeiro de 1997. O novo calendário previa as eleições em maio de 1997, com o novo governo tomando posse em 15 de junho. Abuja II também previu uma série de sanções contra os grupos que desrespeitassem as regras acordadas, incluindo a proibição de abertura de escritórios eleitorais e processos contra crimes de guerra. A Ecomog também adotou um código de conduta para o Conselho de Estado que dava a ela o direito de substituir quaisquer líderes por desrespeito ao código. A ajuda da ONU foi oficialmente requisitada para ajudar na organização e implementação das eleições.⁸⁸ Um novo cessar-fogo foi declarado em 20 de agosto de 1996 e Ruth Perry, antiga senadora liberiana, eleita a nova

⁸³ ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 188.

⁸⁴ ADEBAJO, *Building Peace...*, p. 61; e ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 188-189.

⁸⁵ LYONS, op.cit., p. 230.

⁸⁶ ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 189.

⁸⁷ Ibidem, p. 191.

presidente do reformulado Conselho de Estado e a primeira mulher africana a se tornar Chefe de Estado.⁸⁹ Este 11º Acordo de Paz expôs a triste história das tentativas fracassadas e propôs o desafio de não deixar arrefecer a esperança que se havia depositado na implementação de Abuja I.

A partir de janeiro de 1997 o Ecomog começou a recolher grandes quantidades de armas.

Na data prevista para o início do desarmamento, 22 de novembro de 1996, apenas quatro dos 13 condados da Libéria ainda estavam inacessíveis para as tropas do Grupo.⁹⁰ A presença mais efetiva dos soldados do Ecomog possibilitou a chegada da ajuda humanitária a algumas áreas antes inacessíveis e inseguras, como partes dos condados de Grand Cape Mount e Bomi, onde ficava a cidade de Tubmanburg.⁹¹ Cerca de 24,5 mil dos estimados 33 mil soldados já haviam sido desarmados e desmobilizados em 9 de fevereiro de 1997. Esse total incluiu 4,3 mil crianças e 250 mulheres.⁹²

Enfim os EUA resolveram auxiliar os esforços multilaterais de paz implementados pela Ecomog, anunciando o apoio logo depois de a União Européia ter disponibilizado apoio logístico ao Ecomog, o que levou a um novo arranjo no cronograma de desarmamento.⁹³ A assistência da UE, dos EUA e da ONU na desmobilização e reintegração dos soldados faccionários e no estabelecimento e

⁸⁸ ADEBAJO, *Building Peace...*, p. 62; ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 195; e LYONS, *op.cit.*, p. 230.

⁸⁹ ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 196; e LYONS, *op.cit.*, p. 230.

⁹⁰ A chegada de 119 caminhões, alguns helicópteros, equipamentos adequados de comunicação e armamentos, deu aos soldados o suporte logístico necessário para uma rápida distensão pelo território liberiano, pela primeira vez desde o início da missão em 1990. ADEBAJO, *op.cit.*, p. 206.

⁹¹ A cidade de Tubmanburg, ao norte do condado de Bomi, esteve isolada por sete meses entre março e setembro de 1996. De acordo com o 19º Relatório da Unomil, de 17 de outubro de 1996, 82% das crianças estavam subnutridas e cerca de quatro mil pessoas já haviam morrido de inanição. *Ibidem*, p. 207.

⁹² *Ibidem*, p. 209.

⁹³ O governo Clinton finalmente mudou a postura de Washington, enviando ajuda financeira e logística ao Ecomog depois dos eventos de abril-maio de 1996 na Monróvia, promovendo também a separação entre a relação bilateral com a Nigéria e a relação de apoio a uma força de peacekeeping na Libéria. Entre agosto e setembro de 1996 os EUA enviaram US\$ 40 milhões para aquisição de equipamento e provisões para os soldados do Ecomog. Em junho de 1997 Washington também enviaria US\$ 7,4 milhões para ajudar na implementação do processo eleitoral e como ajuda adicional ao Ecomog, mandando também dois helicópteros e mais equipamentos de comunicação. *Ibidem*, pp. 213-217.

administração do processo eleitoral foi primordial para que o Acordo de Abuja II fosse implementado de fato.⁹⁴

5.5

Missão cumprida (?): eleições diretas e a vitória de Taylor

Em fins de fevereiro, a maioria dos líderes rebeldes já havia transformado suas facções em partidos políticos. Taylor liderou a transição da NPFL para o Partido Nacional Patriótico (NPP); Al-Haji Kromah trocou o nome Ulimo-K para Partido de Coalizão de Todos os Liberianos (Alcop); e o LPC de George Boley se tornou a viga de sustentação do antigo partido do presidente Doe, o Partido Nacional Democrático da Libéria (NDPL).⁹⁵

No dia 28 de fevereiro, como estabelecido em Abuja II, Taylor, Kromah e Boley, licenciaram-se do Conselho de Estado para concorrer à presidência. Foram substituídos por sucessores dentro da hierarquia de seus próprios grupos. Os partidos concorrentes ou tinham pequena representatividades ou eram identificados como representantes apenas de uma determinada etnia, enquanto o NPP de Taylor possuía grande vantagem financeira e organizacional sobre os demais, se desenvolvendo sobre uma estrutura montada durante a guerra civil e sobre as fontes de recursos conquistadas durante o conflito. Por isso, Amos Sawyer, presidente interino da Libéria entre 1990 e 1994 propôs a aliança de sete partidos em oposição ao NPP, o que não funcionou.⁹⁶

No dia 7 de abril de 1997, um mês antes do prazo, foram instaladas na Monróvia a Suprema Corte Liberiana e a Comissão Eleitoral. Três semanas depois o grupo de ministros das Relações Exteriores da Ecowas se encontrou com a comissão eleitoral e com os líderes dos partidos políticos para discutir a lei, o cronograma e o orçamento eleitorais. Durante o encontro a delegação decidiu que

⁹⁴ Entre fevereiro e abril de 1997 a tropa do Ecomog teve seu contingente aumentado de 7,5 mil para 10,5 mil homens com o envio de 650 malineses, 500 ganenses, 320 burquineses, 321 nigerianos e 250 beninenses, junto com 35 integrantes do corpo médico marfinense. Pela primeira vez, o Ecomog tinha mais soldados francófonos que anglófonos em seu fronte. Ibidem, p. 210; e LYONS, op.cit., p. 231.

⁹⁵ Apenas o líder do Ulimo-J, Roosevelt Johnson, não criou um partido político para concorrer à presidência.

⁹⁶ Mas a escolha de Cletus Wotorson, geólogo e ex-ministro de Minas e Energia da administração Tolbert, sofreu resistências, já que era considerado um nome pouco conhecido. As divergências levaram a aliança dos sete a se esvaziar, tornando-se uma aliança de apenas dois partidos. ADEBAJO. *Liberia's Civil War...* p. 219.

a Ecomog assumiria a maior parte da responsabilidade pelos aspectos físicos e logísticos do processo eleitoral, incluindo transporte e aquisição de material eleitoral.⁹⁷

Em maio de 1997 a Ecomog estendeu por mais dois meses o prazo para a organização das eleições, atendendo ao pedido da Comissão Independente formada por representantes dos três maiores partidos, de políticos civis, de grupos jovens, de feministas e de sindicatos. A data para as eleições passou de 30 de maio para 19 de julho de 1997.⁹⁸ A campanha eleitoral começou oficialmente em 16 de junho de 1997 com o total de 13 partidos competindo pela presidência. Os cerca de 800 mil refugiados que se encontravam em países vizinhos foram informados que só poderiam participar do pleito caso retornassem ao território liberiano. Porém a falta de apoio para o retorno desses cidadãos desencorajou o retorno e a participação deles nas eleições.⁹⁹ Apenas 80 mil se apresentaram para o pleito.¹⁰⁰

Em 19 de julho 85% dos eleitores cadastrados foram às urnas, com o Ecomog providenciando a segurança em 1.864 zonas eleitorais. Cerca de 500 observadores internacionais (ONU, EU, OUA, Carter Center etc.) acompanharam as eleições e louvaram a lisura do processo eleitoral liberiano. A Ecomog e a Unomil declararam conjuntamente que o sufrágio liberiano havia sido “livre, justo e digno”. No dia 24 de agosto de 1997, Charles Taylor foi declarado o novo presidente da Libéria, com mandato de seis anos, com 75,3% dos votos.¹⁰¹

Duas razões explicam a vitória espetacular de Taylor: primeiro, os liberianos o viram como o guardião da paz e da estabilidade e temiam um retorno à guerra caso ele perdesse.¹⁰² Segundo, as áreas controladas pela NPFL durante a guerra rendiam aproximadamente US\$450 milhões com a extração das riquezas naturais, possibilitando a utilização de espaço em rádios e jornais, distribuição de

⁹⁷ ADEBAJO. *Building Peace...* p. 64.

⁹⁸ Em 21 de maio de 1997 os líderes da Ecomog se encontraram para uma reunião extraordinária em Abuja que, além de decidir pelo adiamento da data do sufrágio liberiano, também aprovou uma nova lei eleitoral baseada, em parte, na Constituição liberiana de 1985. ADEBAJO. *Building Peace...* p. 64.

⁹⁹ LYONS, op. cit., p. 231.

¹⁰⁰ ADEBAJO. *Liberia's Civil War...* p. 221.

¹⁰¹ Johnson-Sirleaf conquistou 9,6% dos votos; Alhaji Kromah 4%; Baccus Mathews 3%; Cletus Wotorson 2% e Togba-Nah Tipoteh 1,6%. O NPP também conquistou 21 das 26 cadeiras no Senado e 49 dos 64 assentos na Casa de Representação (Câmara de Deputados). Ibidem, p. 222; e LYONS, op. cit., p. 231.

¹⁰² Durante a campanha eleitoral Taylor dizia aos jornalistas que era impossível perder e que não queria imaginar o que poderia acontecer caso o improvável acontecesse.

camisas, aluguel de helicóptero, compra de ambulâncias para o Hospital John F. Kennedy - na capital - e o pagamento de US\$ 23,5 mil para que o time de futebol da Libéria participasse das eliminatórias para a Copa Nacional Africana.¹⁰³

Assim, em 2 de agosto de 1997 Taylor foi empossado 21º presidente da Libéria, herdando um país com uma poupança interna de apenas US\$17 mil dólares, um déficit nas contas públicas de US\$200 milhões e uma dívida externa de US\$3 bilhões.¹⁰⁴

Na Libéria a política da Ecowas para a resolução dos conflitos liberianos se assemelhou em muito ao que a ONU implementou na Somália. Os líderes faccionários foram alçados a principais interlocutores nas reuniões para estabelecimento da paz. Obviamente eles teriam presença obrigatória em todos os encontros multilaterais para a discussão de paz na Libéria, principalmente porque um acordo de cessar-fogo seria inoperante sem suas presenças. Mas esses mesmos senhores da guerra não apresentaram nenhum objetivo, que não o prático, para a conquista e exercício do poder de governo. Nenhum dos líderes faccionários havia apresentado uma proposta de desenvolvimento para o país. Mesmo assim, apesar das escolhas de Amos Sawyer e Ruth Perry (em momentos distintos) para liderar politicamente o Estado liberiano, a sociedade civil, pelo menos aqueles que pareciam possuir um plano de desenvolvimento menos imediatista para o país e que não estavam ligados a nenhum dos grupos beligerantes, não tiveram seu peso político devidamente mensurado ou estabelecido. Os exemplos de Bamako, Lomé, Yamoussoukro, Cotonou, Akosombo, Accra e os acordos de Abuja foram, sem exceção, encontros com os líderes clânicos, nos quais as representações civis apenas tiveram presença coadjuvante. Mesmo as escolhas de Sawyer e Perry para encabeçar os instrumentos políticos se esvaziou pela própria fraqueza dos cargos, reféns das decisões dos representantes faccionários.

Akosombo pode ser lido como uma situação exemplar dessa preferência pelos líderes militares, pois mesmo enfraquecidos e desestruturados, Taylor e Kromah participaram das usufruindo do mesmo “peso político” que exerceram nos encontros anteriores.

¹⁰³ ADEBAJO, *Building Peace...*, p. 65.

¹⁰⁴ Ibidem e ADEBAJO, *Liberia's Civil War...*, p. 224.